



Universidades pedem 'trégua' em piquetes para negociar com grevistas

Pela primeira vez, USP, Unicamp e Unesp sinalizam diálogo sobre reajuste para docentes e servidores

Ofício foi enviado ao Fórum das Seis, que diz que só os sindicatos podem decidir pelo fim das manifestações

ARETHA YARAK
DE SÃO PAULO

USP, Unicamp e Unesp, as três universidades estaduais paulistas, aceitaram negociar com professores e funcionários em greve desde o fim de maio, desde que não haja mais invasões nem protestos.

É a primeira vez que o Cruesp (o conselho de reitores das instituições) aceita abrir negociação com os servidores desde o início da paralisação.

Em ofício enviado ao Fórum das Seis (entidade que congrega os sindicatos das universidades) na quinta (5), os reitores condicionaram o encontro ao fim de piquetes.

Na terça (3), funcionários, professores e alunos das três universidades protestaram em frente à reitoria da Unesp, no centro de São Paulo, e interditaram as ruas Xavier de Toledo e Quirino de Andrade.

“Consideramos um avanço o convite para a conversa, porque eles reconheceram que é preciso abrir uma negociação. Mas o fórum não tem poder para decidir pelo fim das ocupações”, diz César Minto, do Fórum das Seis.

Segundo ele, os sindicatos que compõem a entidade são autônomos e respondem por suas deliberações.

“O fórum congrega as demandas que todos os sindicatos têm em comum. Não podemos nem teríamos como responder pelos protestos decididos por cada sindicato.”

Em nota enviada ao Cruesp ontem (6/6), o fórum diz que não pode garantir o fim das ocupações e que a expectativa é que os grupos possam “dialogar e negociar”. Sugere que uma reunião seja agendada já na próxima semana.

FOLHA DE PAGAMENTO

Professores e funcionários reivindicam 9,78% de reajuste —inflação (6,78%) mais recomposição de perdas.

Tradicionalmente, a reposição salarial ocorre em maio.



Ato na terça (3) que reuniu professores, funcionários e estudantes em frente à reitoria da Unesp, no vale do Anhangabaú

Em 2013, foi de 5,39%.

Neste ano, as instituições congelaram as negociações até setembro, pois passam por crise financeira. Segundo elas, o gasto com a folha de pagamento está acima do aceitável —na USP, chega a 105%, o que a obriga a usar reservas.

Esta é a primeira vez em dez anos que os professores da USP param por salário. Em 2004, a reitoria não concedeu reajuste aos docentes, que ficaram 65 dias paralisados.

Houve outras duas paralisações: em 2007, contra decreto que, alegavam, tirava autonomia das universidades; e, em 2009, contra a presença da PM no campus.

De acordo com Minto, a adesão dos professores na USP é considerada “boa”. “Temos unidades do interior que não costumam aderir, mas que estão paradas.”

GREVE NAS ESTADUAIS

Docentes e servidores das universidades cruzam braços por salários

Raio-x das universidades

Dados da USP e da Unesp se referem a 2012; do Unicamp, a 2014

	Professores	Funcionários	Alunos
USP	5.860	16.837	92.064
UNICAMP	2.042	7.878	34.533
UNESP	3.625	7.257	53.457

R\$ 9.185 é o salário inicial de um professor que trabalha 40 horas semanais

9,78% é o reajuste pedido (6,78% de inflação mais perdas históricas)

Estudantes descumprem ordem de juiz e mantêm invasão na Unesp

DE RIBEIRÃO PRETO

Mesmo com uma decisão da Justiça favorável à reintegração de posse, a direção da Unesp ainda tenta negociar a saída dos alunos que invadiram há uma semana a sala da diretoria da Faculdade de Ciências e Letras do campus de Araraquara (a 273 km de São Paulo).

Até o momento, os estudantes se negam a deixar a sala. Por meio das redes sociais, eles convocaram colegas a apoiar a invasão e a ampliar o movimento.

Entre as principais reivindicações do grupo está a ampliação da moradia estudantil no campus.

A reintegração de posse foi concedida à universidade nesta quarta-feira (4) pela 1ª Vara da Fazenda Pública de Araraquara.

Em sua decisão, o juiz Humberto Isaías Gonçalves Rios justificou a medida afirmando que os alunos não podem impedir que os dirigentes e os funcionários exerçam suas funções públicas.

No texto, o juiz acatou o pedido de auxílio da força policial, caso seja necessário, para remover os estudantes e retomar a sala da diretoria.

Por meio de sua assessoria, a Unesp disse que tenta negociar com os alunos desde o início da invasão. A reportagem não conseguiu contatá-los.

Lin Ko/Futura Press/Folhapress